



EM LOUVOR DA DIVERSIDADE NO DESIGN

POR ADÉLIA BORGES

Originalidade é o raro atributo que leva o Brasil para o topo da cena mundial do design. Resultado de uma radical mudança de mentalidade, com nossos designers que deixam de seguir tendências externas para abraçar autênticas estratégias de sobrevivência do povo brasileiro: o improvisado e a experimentação, bases da liberdade poética de misturar diferenças para expressar pureza

© MARIANA CHAMA



Quatro peças da exposição "In Praise of Diversity": convívio da raiz artesanal com o design de ponta



S alão do Móvel de Milão, 1988. Eu dirigia a revista *Design & Interiores* e queria trazer para os leitores as novidades do evento, frequentemente chamado de "a meca do design". Em dois ou três estandes, passei constrangimentos. Ao saberem que eu era brasileira, impediam que se fotografasse o espaço. O argumento: "no Brasil só se copia".

Hoje, não só não somos escorraçados, como há um grande interesse pelo que anda acontecendo por aqui. Do Victoria & Albert Museum, em Londres, ao Japan Design Institute, em Tóquio, do India Crafts Council, em Chennai, ao Danish Design Museum, em Copenhague, olhares curiosos e maravilhados se voltam para nossos designers.

É o indício de uma mudança importante que vem ocorrendo nas últimas décadas e especialmente desde a virada do século. De país periférico no mundo do design, o Brasil passou a ser visto como um dos protagonistas. E isso aconteceu, a meu ver, a partir de uma mudança de atitude. Em vez de olhar para o exterior em busca das famigeradas "tendências", passamos a oferecer ao mundo a nossa originalidade, esse bem tão precioso nesta era globalizada — e atenção para a raiz etimológica da palavra, que tem a ver com origem.

E quais são as nossas origens? Busco a resposta no genial e universal escritor João Guimarães Rosa. É dele a expressão "puras misturas". Trata-se de um aparente antagonismo — pois o que é puro não é misturado e o que é misturado não é puro. Mas essa expressão sintetiza com poesia uma característica seminal da cultura brasileira: a sua diversidade. Mais que tolerarmos o diferente, nós o celebramos. A miscigenação é nossa prática cotidiana, assim como a antropofagia cultural.

Poltrona Mole, de
Sergio Rodrigues:
um visionário



© DIVULGAÇÃO LINBRASIL

Algumas linguagens culturais absorveram desde cedo essa natureza. A música talvez seja o maior exemplo. Para isso certamente contou muito a atitude de grandes nomes como Villa-Lobos e Mário de Andrade, que inventariaram as nossas raízes populares, permitindo às novas gerações urbanas recriar a partir dessa origem, misturando-a com influências vindas de fora e gerando o novo.

Na área do design, precursores nesse sentido foram Sergio Rodrigues, no móvel, Rogério Duarte, no design gráfico, Lina Bo Bardi, na pesquisa da cultura popular como base para um objeto brasileiro, e Aloísio Magalhães, na formulação de políticas públicas que permitissem o conhecimento da cultura material brasileira. Foram visionários, vozes pregando no deserto.

Só nos anos 1990 começaram a surgir alguns oásis nesse deserto, e da virada do século para cá muita coisa floresceu. Nesse período, despontaram nomes como os



Estante Cabana,
dos irmãos Campana:
inspiração indígena

© CORTESIA EDRA E ESTUDIO CAMPANA



A partir da esquerda,
bancos das tribos Mehinako,
Suyá e Tukano

© MARIANA CHAMA

irmãos Campana, cujo principal atributo é criar objetos a partir de práticas que há muito fazem parte da estratégia de sobrevivência do povo brasileiro, como a improvisação e a experimentação.

Nesse período também se iniciou um movimento de colaboração entre designers e comunidades populares — tanto as rurais quanto as das periferias das grandes cidades — visando à revitalização do nosso artesanato. Iniciativas variadas nesse sentido chamam a atenção pela sintonia com a noção contemporânea de sustentabilidade, que compreende os conceitos de ambientalmente responsável, economicamente inclusivo e socialmente justo, englobando ainda um quarto pilar, que é a diversidade cultural.

Uma coleção de banquinhos de sentar tem viajado para alguns lugares como uma expressão desse atributo. Nela, exemplares feitos pelos índios Mehinako, Tukano e Suyá convivem com peças artesanais de todo o país e com criações de designers como Sergio Rodrigues, Carlos Motta, Marcelo Rosembaum, Rodrigo Almeida e Sergio Mattos. Em 2012, fiquei muito feliz por essa exposição, então batizada de “In Praise of Diversity”, ter sido escolhida para inaugurar a galeria do Droog Design, um dos mais vanguardistas grupos do design europeu.

Sinais como esse mostram que há um interesse crescente no mundo pelo design impregnado da alma brasileira — aquele que constrói uma poética tendo como base suas expressões genuínas, partindo de um mergulho nas raízes para gestar o novo. ♦



Puff Carambola,
de Sergio Mattos:
identidade regional

© MARIANA CHAMA



Adélia Borges

é jornalista, pesquisadora, curadora especializada em design, professora de história do design e, de 2003 a 2007, dirigiu o Museu da Casa Brasileira, de São Paulo.